



Apresentação do Dossiê Marcelo Marques

*Jovelina Maria Ramos de Souza**

O presente Dossiê é uma homenagem à memória de Marcelo Pimenta Marques (1956-2016), natural de Passos, cidade localizada no sul de Minas Gerais, foi Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando no Departamento de Filosofia e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Teve formação integral em Filosofia, com Graduação (1983) e Mestrado (“O caminho poético de Parmênides”, orientação de Sonia Maria Viegas Andrade, 1989) pela UFMG, Doutorado (“L’autre et les autres. A propos de l’altérité dans le *Sophiste* de Platon”, orientação de Jean Frère, 1997) pela Université March Bloch, Strasbourg. Pós-Doutorado pela University of Pennsylvania (2005) e pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2014).

Foi associado da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), coordenou o GT de Filosofia Antiga da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Integrou o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD-Filosofia Antiga). Coordenou o Curso de Graduação em Filosofia (UFMG). Coordenou o Curso de Extensão Filosofia na Praça. Foi Vice-Diretor da Revista *Kriterion*, atuou no corpo editorial das revistas *Sapere Audi* (PUC-MG) e *Nuntius Antiquus* (FALE-UFMG), dentre outras.

Desenvolveu pesquisa e orientou (monografias, iniciação científica, dissertações, teses) em Filosofia Antiga, com ênfase em Platão e primeira

* Doutora em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação Integrado de Doutorado em Filosofia (UFPB/UFPE/UFRN). Professora Associada da Universidade Federal do Pará (UFPA). Editora convidada do Conselho Executivo da Revista Educação e Filosofia. E-mail: jovelinaramos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1249-1068>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0475424515288539>.

geração de filósofos. Orientou cerca de 15 dissertações e 10 teses. Recebeu o prêmio CAPES de teses e o Grande Prêmio de teses da UFMG, pela orientação de tese com menção honrosa (2007). Sua produção acadêmica envolveu a publicação de 3 livros, 2 traduções de livros, 5 livros organizados, 13 capítulos de livros, 18 artigos. Sua última pesquisa tratava do tema “A questão filosófica do prazer nos diálogos platônicos”.

Marcelo Marques cumpriu sua *moira* em 03 de agosto de 2016, deixando a todos que o conheceram e compartilharam de sua intensa generosidade, acolhimento, empatia, gentileza, carentes de suas palavras afetuosas, do riso solto, da leitura cuidadosa, do senso crítico apurado, do encantamento com a natureza e as artes. O Dossiê Marcelo Marques é um convite à leitura de um grande platonista, que a nova geração de estudantes de filosofia não conheceu. A iniciativa partiu de seus antigos orientandos, com a recepção da revista *Educação e Filosofia* da UFU, a quem agradecemos. O Dossiê é composto por 14 artigos.

“Interpretando a linha dividida a partir do pensamento de Marcelo Pimenta Marques”, de Gislene Vale dos Santos (UFBA), aponta dois aspectos que se complementam na vida e na obra de Marcelo Marques, o de docente-orientador-gente e o de pesquisador, retomando seu viés interpretativo do *corpus platonicum*, tomando mais especificamente a abordagem da linha dividida em *República* VI.

“O discurso de Glauco e o nascimento do tirano em *República* II”, de Matheus Jorge do Couto Abreu Pamplona (Doutorando PPGLM/UFRRJ-Escola de Aplicação/UFPA), defende que o recurso à imagem de Gíges feita por Glauco em *República* II é um recurso para demonstrar que a ambição (*πλεονεξία*), elemento constitutivo da natureza humana, fatalmente conduz à tirania, quando se concede um poder ilimitado a alguém. O percurso compreende a análise da hipótese de Glauco para a origem da justiça e a argumentação de como ao final de seu discurso, Glauco procura superar o plano alegórico do relato que ele faz de Gíges, sem renunciar aos princípios que ali são postulados, com o objetivo de mostrar que o discurso de Glauco constitui uma unidade minimamente consistente.

“A farmácia de Clarice e Platão: escrita e conhecimento de si”, de Venúncia Emília Coelho (IFMG/Campus Ouro Preto), trata da articulação entre a questão da escrita em Platão, sobretudo no *Fedro*, e a questão da letra em Clarice Lispector, quando ela reflete sobre o ato de escrever. Salvaguardadas as diferenças literárias e temporais entre os dois autores, pretende-se analisar a natureza inquietante da escrita de Clarice Lispector, questionando se este mesmo elemento não transparece na escrita dos diálogos platônicos, e se a escrita poético-filosófica de Platão, não o aproximaria de Clarice, uma vez que a concepção do ato de escrever como uma espécie de terapia da alma, estaria presente na noção platônica de *phármakon*.

“Como é que as fábulas podem ser, no todo, falsas e conter alguma verdade? Uma reflexão sobre *República 377a*”, de Celso de Oliveira Vieira (Ruhr-Universität Bochum), retoma *República 377a*, onde Sócrates afirma que as fábulas (*mythos*) são, no todo, falsas, mas possuem alguma verdade. O objetivo será entender melhor onde estaria, de que modo se apresentaria e de que tipo seria essa verdade. O percurso compreende a tentativa de responder se falsidade e verdade podem ocorrer em um mesmo lugar e, se a resposta for afirmativa, de que tipo é a sua relação, verificando as existência ou não existência de uma teoria da correspondência da verdade, ou se existe uma teoria do conhecimento por contato ou proposicional. As respostas permitirão identificar se verdade e falsidade possuem o mesmo objeto e qual é o objeto de uma fábula, com os resultados apontando para um tipo de híbrido verdade e falsidade que não se encaixa nas categorias dos diálogos platônicos.

“A moldura megárica do *Teeteto* de Platão”, de Cesar Augusto Mathias de Alencar (UNIFAP/PPGIL-UFPA), propõe retomar a conversa entre Euclides de Mégara e seu companheiro Térpsion, na abertura do *Teeteto*, caracterizando-o como um escrito pertencente ao filósofo megárico, cuja tradição de ensino era denunciada por sua dialética erística. A hipótese é apontar Euclides como sendo o autor do *Teeteto*, seguindo a projeção de que Platão procurou reproduzir em proveito próprio o método euclidianiano, na investigação acerca da questão da *epistême*. O objetivo é

mostrar como a estrutura megárica do diálogo defende o discurso dialógico como um valoroso instrumento educativo.

“As contraposições dialéticas dos discursos de Sócrates no *Fedro* de Platão”, de Fábio Fortes (UFJF), retoma os três discursos sobre o amor da primeira parte do *Fedro*, proferidos respectivamente por Lísias/*Fedro* (259e-262c) e Sócrates (237a-241d; 257b-259d), mostrando que os dois discursos de Sócrates concretizam o próprio movimento dialético, segundo os parâmetros apresentados na segunda parte do diálogo, contendo o método da divisão (διαίρεσις) e reunião (συναγωγή). O objetivo é mostrar como os discursos de Sócrates permitem a compreensão da dialética, em suas correlações com a retórica, *psicagogía* e o tema de *éros*.

“Algumas notas sobre a resignificação cristã de *tapeinós*”, Fernando Eduardo de Barros Rey Puento (UFMG), pretende mostrar como de Aristóteles a Agostinho a concepção de *tapeinós* foi revalorizada. O objetivo é acompanhar o uso do termo, a partir de um autor pagão, Epicteto, e de dois autores cristãos, Atanásio de Alexandria e Basílio de Cesaréia, antes de chegar a Agostinho de Hipona, em quem o conceito adquire o valor positivo de humildade, virtude (*areté*) concebida como essencial, por assinalar uma característica do próprio Cristo e, por conseguinte, do Cristianismo.

“Vencedores e derrotados no debate dialético de acordo com Aristóteles”, Fernando Martins Mendonça, revê as teses de um artigo de Jacques Brunschwig publicado nos anos 80, no qual defende que o debate dialético, para Aristóteles, não resultaria em vencedores e derrotados. Sua hipótese retoma o debate dialético como um trabalho comum entre questionador e respondedor (cláusula *koinon ergon* [cf. *Tópicos* VIII.11 161a20-21]) e como um teste de consistência de determinada proposição (cláusula *dia tēn thesis* [cf. *Tópicos* VIII.4 159a20]). O objetivo será oferecer uma explicação diferente das cláusulas *dia tēn thesis* e *koinon ergon*, de modo que isso implicará uma conclusão segundo a qual o debate dialético honesto pode envolver vencedores e derrotados e manter a observância das duas cláusulas.

“Administração e dissolução do οἶκος no período clássico”, de Janaína Silveira Mafra (Doutoranda em Filosofia UFMG), defende que o *Econômico* de Xenofonte, considerado um diálogo socrático, fornece um modelo de economia ao qual Platão, de maneira radical, contrapõe-se na *República* ao propor a dissolução do οἶκος dos guardiões como uma das condições para a idealização da cidade justa. Na primeira parte dele, a autora discorre sobre a administração do οἶκος no *Econômico* e, por conseguinte, sobre um ideal de economia e de mulher. Na segunda parte, a autora mostra o caráter paradoxal — levando em conta o sentido grego de παράδοξος, a saber, παρά, contra, a δόξα e o ἔθος hegemônicos — do pensamento de Platão, que, na primeira, na segunda e na terceira ondas (κύματα) da *República*, põe em questão os valores de sua época, buscando soluções para o problema da falta de unidade da πόλις, que, segundo ele, é, em alguma medida, imprescindível para o bom funcionamento da vida política.

“Discurso, verdade e enigma na *Apologia*”, de José André Ribeiro (IFBA-Campus Porto Seguro) e Michel Menezes da Costa (IFBA-Campus Porto Seguro), defende a hipótese de que na *Apologia* de Platão, Sócrates utiliza jogos de palavras como ferramenta retórica, com a intenção de convencer o leitor sobre a prevalência da verdade, a partir do uso das expressões discurso, verdade, falsidade ou mentira. O objetivo é apresentar o sentido da hermenêutica socrática, como um modo de interpretação de oráculos e enigmas, no jogo dramático envolvendo Sócrates, o corpo de jurados e o leitor da *Apologia*.

“Platão e o problema do mal, do *Timeu* à refutação do paradigma socrático do mal inconstituido nas *Leis*: há modos de agir consentidamente injustos e maus”, de Maria Dulce Reis (PUC-MG), parte da questão sobre o bem agir, a virtude (*areté*) e o vício (*kakía*), no *Timeu* e nas *Leis*. O problema do mal e da ação má aparecem, respectivamente, na narrativa cosmológica e no debate sobre a injustiça, os crimes e as melhores leis para uma cidade. O objetivo é apresentar uma hipótese autoral sobre o tema da origem do mal em Platão, que no *Timeu* é resultante da má educação e má disposição da alma, enquanto nas *Leis*, se manifesta na formação de um mau caráter (tirania de elementos internos à alma, pela má educação) e de modos de agir

mal (consentidos, deliberados). A hipótese é que em *Leis IX*, Platão reformula o paradigma socrático do mal inconstituido, admitindo que o homem propício a agir de um modo consentido e mal é portador tanto do caráter como do modo de agir injusto e mal (861e-862c4).

“Mania divina”, de Patricia Lucchesi Barbosa (Pesquisadora da UFMG), parte da perspectiva de que no *Fedro*, Sócrates se apresenta como alguém louco por discursos (228b), apontando que a massa associa a imagem do filósofo a de um louco (*parakínon* 249d), desconhecendo que ele seja divinamente inspirado. A noção de loucura (manía), no *Fedro*, é associada a uma dádiva dos deuses (244a). O objetivo é mostrar que na filosofia, a loucura é um processo que envolve o conhecimento de si, enquanto uma perspectiva filosófica e terapêutica.

“O avesso do bordado: *doxa*, razão, Eros e retórica no *Fedro*”, de Rogério Gimenes de Campos (UNILA), mostra como o *Fedro* de Platão é um terreno atípico, cujo léxico e alguns conceitos são flutuantes dentro do próprio diálogo, dificultando comparações lexicais com outros diálogos. O objetivo é mostrar a flutuação e a inversão de valores do léxico-conceitual do *Fedro*, tomando como exemplo as noções de *doxa*, razão, Eros e retórica, realizando a avaliação desses termos não apenas pela figura manifesta, mas especialmente pelo seu avesso, cujo entrelaçamento deve ser tão ou mais belo que o lado externo.

“O feminino e o masculino na metáfora do parto de Diotima”, de Jovelina Maria Ramos de Souza (UFPA), retoma a referência a Diotima, no *Banquete*, em meio ao discurso rememorativo de Sócrates, sobre os ensinamentos recebidos da mulher de Manteneia. O jogo cênico envolve um discurso masculino que faz alusão às palavras de uma figura feminina, cujo conteúdo é centrado em valores masculinos. O objetivo é investigar o estatuto do feminino e do masculino, sob a perspectiva da relação entre o parto no corpo e o parto na alma, fazendo recortes de algumas representações da natureza feminina nos diálogos platônicos, para destacar o modo diferenciado como Platão pensa a questão do feminino, como a tese da natureza similar de mulheres e homens, e a polêmica comunidade de

mulheres e crianças, contidas respectivamente, na primeira e na segunda ondas em *República V*; ou a tese da diferença de gêneros do *Timeu*.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura, nesse (re)encontro com o querido mestre, Marcelo Pimenta Marques!